**Ato N. 60***Denominação de ruas da cidade*

PERSEU LEITE DE BARROS, Prefeito Municipal de Campinas,  
usando das atribuições que lhe são conferidas por  
lei, resolve:

Art. 1.º—As vias publicas abaixo mencionados ficam doravante assim denominadas:

*Praça Voluntarios de 32*, a Praça fronteira á porta principal do Cemiterio da Saudade;

*Praça 9 de Julho*, a Praça triangular situada entre os armazens da Cia Paulista, ruas Saldanha Marinho e Ferreira Pentead.

Art. 2.º—Revogam-se as disposições em contrario.

Campinas, 7 de Julho de 1934.

*P. Leite de Barros*

Publicado na Secretaria da Prefeitura em 7 de Julho de 1934

O Secretario

*Amilar Alves*



## PRAÇAS DE CAMPINAS

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARÃES)

XVIII

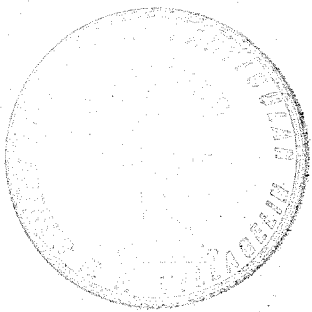
# 9 DE JULHO

(Formada com o encontro das ruas Saldanha Marinho, Ferreira Penteadó e Moraes Sales, na Estação).

A denominação foi dada pelo Ato n. 60, de 7 de julho de 1934. Chamou-se, até, Largo 23 de novembro.

**DADOS HISTÓRICOS:** — A data de 9 de Julho de 1932 lembra a deflagração de um dos maiores e mais belos movimentos registrados na nossa história. Cuidadosamente preparado, envolveu logo após o seu início toda a população paulista que, num gesto de compreensão e de fir-

meza se dispôs a lutar pela reconstitucionalização do País. Foi uma luta de gigantes a iniciada a 9 de Julho de 1932 e terminada a 28 de setembro do mesmo ano. Milhões de paulistas se movimentaram e se cobriram de luto para o bem de São Paulo e do Brasil. Em Campinas, à Avenida Saudade, ao lado do portão do Cemitério da Saudade, existe um monumento-túmulo onde estão sepultados nada menos que 34 voluntários de Campinas à Causa Constitucionalista.



# 32: a luta pelas liberdades democráticas

A nove de julho de 1932 o general Izidoro Dias Lopes e o coronel Euclides de Figueiredo lançaram, em São Paulo, a palavra de ordem da Revolução Constitucionalista.

"Neste momento, assumimos a suprema responsabilidade do comando das Forças Revolucionárias, empenhadas na luta pela imediata constitucionalização do país".

Partem os batalhões compostos de paulistas, brasileiros de vários Estados, moços e velhos, ricos e pobres, sem distinção de raça, cor ou religião, unidos pelo mesmo ideal. Iniciam-se os primeiros combates, surgem os primeiros feridos, primeiros mortos, primeiros heróis que, em três meses de luta, chegariam a milhares.

No campo de batalha os paulistas foram derrotados, pois eram minoria. Mas a luta travada não foi em vão, uma vez que estavam imbuídos de ideais de liber-

dades democráticas: em 1934 foi convocada uma Assembléa Constituinte, que promulgou a tão almejada Constituição.

### O INICIO

Em 1932 eclodiu a Revolução Constitucionalista, tendo São Paulo o apoio único do Estado de Mato Grosso. Seus objetivos eram os de restabelecer no país a ordem constitucional, o respeito às leis, à liberdade, que haviam deixado de existir com a ditadura getulista.

Numa revolução, que tinha como meta a moralização da via política e administrativa brasileira, em 1930 Getúlio Vargas assumiu o poder, derrubando o então presidente Washington Luís.

Dentre os objetivos do novo governo estava a extinção dos grupos de privilegiados, que fraudavam eleições para dar a vitória a seus candidatos.

Assim que venceu, Getúlio Vargas dissolveu o

Congresso e instituiu o sistema de interventorias nos Estados, promulgando lei orgânica que lhe conferia direitos de um ditador.

Os paulistas protestaram contra a política de marginalização e desprezo imposta pelo novo governo. Os interventores nomeados — alheios ao problema dos Estados — impediam o desenvolvimento regional, já bastante abalado pela crise de 1929, o que gerava descontentamento em todos os setores.

Em 25 de janeiro, os paulistas dirigem-se à Praça da Sé, exigindo uma Constituição decente e o direito de escolher seus próprios governantes. Estava lançada então, a semente do Movimento Constitucionalista, formado pela união dos partidos Democrático e Republicano, que integram a chamada Frente Única.

A vinda do ministro da Justiça a São Paulo "para

organizar o governo do interventor Pedro de Toledo" foi denunciada a 22 de maio. No dia seguinte, quando o povo sai às ruas, se escreveu "uma das mais belas e austeras páginas da democracia brasileira", conforme noticiou a imprensa na época. Mas um tiroto entre simpatizantes do Movimento Constitucionalista e forças militares governistas, na esquina da rua Barão de Itapetinga com Praça da República, causou a morte de quatro estudantes: Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo. A partir daí, o Movimento adotou a sigla de MMDC.

Com os acontecimentos de 23 de maio, os paulistas ergueram armas enquanto os governistas procuravam dar a falsa imagem de que o Movimento estavam sendo orientado por estrangeiros, que tinham por objetivo separar São Paulo do resto do país.

A 9 de julho, após a proclamação do general

Izidoro Dias Lopes, inicia-se a revolta. Mato Grosso aliase a São Paulo, ao mesmo tempo que generais de outros Estados se recusam a enfrentar os paulistas.

A repercussão chegou ao Rio Grande do Sul, através de uma tentativa de sublevação, chefiada pelo antigo governador Borges de Medeiros e a outras partes do Brasil, como Pará e Bahia. O próprio general Izidoro era gaúcho e já em 1924 havia chefiado a revolta de 5 de julho daquele ano (em São Paulo), com os "tenentes". Junto com eles participou da revolução de 1930.

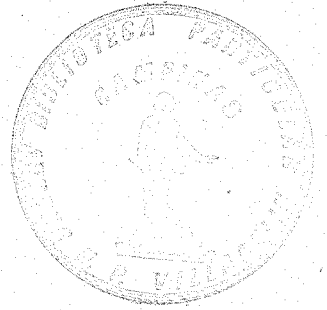
O "Manifesto do Povo Brasileiro" é lançado a 13 de julho pelo arcebispo metropolitano, D. Duarte Leopoldo, junto com professores, banqueiros, intelectuais, empresários e operários; assegurava, entre outras coisas, que "São Paulo não pegou em armas para combater seus irmãos, mas para apressar a volta do

país ao regime constitucional".

Na cidade de Cruzeiro ocorreu o batismo de fogo do Exército Constitucionalista, quando o avião das tropas governistas bombardeou as posições paulistas. No primeiro dia de hostilidades (dia 14 de julho) São Paulo mobilizou trinta mil homens que se alistaram na Força Pública, enquanto as milhares paulistas se inscreviam em cursos de enfermagem e partiam para as frentes de combate.

Durante três meses os paulistas combateram duramente as tropas governistas, comandadas por Góis Monteiro. A derrota no campo de batalha transformase em vitória, quando vem o armistício. Em vinte de agosto de 1933 foi indicado para interventor de São Paulo Armando Salles de Oliveira e a escola foi da Frente Única.

A vitória maior aconteceu em 1934, quando foi promulgada a Constituição.



## 9 de Julho

A 9 de julho, São Paulo relembra o 47.º aniversário da Revolução Constitucionalista, a Revolução de 1932.

Iniciada a 9 de julho de 1932, a Revolução Constitucionalista teve como a motivação o descontentamento do povo de São Paulo, que queria uma Constituição e se rebelava contra a intervenção do governo federal, na ocasião em mãos de Getúlio Vargas, o poder desde 1930.

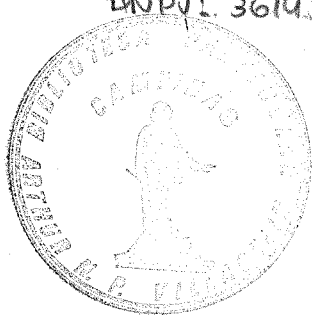
A situação de São Paulo era caótica. Nosso principal produto de exportação, o café, não tinha compradores, e isso levava muitos fazendeiros ao endividamento e à perda de suas terras. Aumentava o número de falências e de desemprego, com a redução das atividades da lavoura, indústria, pecuária e comércio. O Tesouro estava desgastado e a situação de São Paulo, assim espoliado, era humilhante. Temendo um golpe em São Paulo, a ditadura nomeou Pedro de Toledo para interventor dos paulistas.

Mas o povo clamava pela volta do país ao regime constitucionalista. Os chefes da então latente Revolução se reuniram no dia 9 de julho de 1932 e divulgaram uma mensagem na qual anunciavam que assumiam naquele momento "o comando das forças revolucionárias".

No dia seguinte Pedro de Toledo renunciou à interventoria, aderindo à Revolução, sendo aclamado governador do Estado no mesmo dia. Estava declarada a luta armada contra o governo federal.

Todo São Paulo estava mobilizado, mas as adesões dos outros Estados acabaram não existindo de fato.

Diante da vantagem numérica do inimigo em armas e em tropas, e para evitar maior derramamento de sangue, São Paulo depôs as armas no dia 3 de outubro, após 82 dias de luta. Vencida materialmente, a Revolução foi, contudo, vencedora no seu ideal pois no ano seguinte foi redigido o ante-projeto da Constituição e eleita uma Assembleia Legislativa.



Nome que lembra a epopéia constitucionnalista de São Paulo, com soldados da liberdade marchando garbosos e conscientes, prontos para a luta pela terra de

Piratininga e pelo Brasil, como que a sentirem, no coração, e ressoar magico dos versos de ouro do poeta paulista — que foi «soldado raso da Revolução» — Guilherme de Almeida...

Marca o passo, soldado! Não vêas que esta terra foi ele que fez? Que o teu passo é o compasso seguro de um presente, de um passado e [um futuro?

Marcha, Soldado Paulista, marca o teu passo na Historia! Deixa na terra uma pista, deixa um rastilho de gloria!

Nove de Julho...

Nove de Julho recorda a marcha dos soldados da lei em luta pela Liberdade e pela Democracia; recorda os batalhões de crianças com tambores de latas e espingardas de pau, a marcharem garbosos pelas ruas centrais, recorda as palavras candentes do tribuno Ibraim Nobre...

(«...Terra Paulista! Da tua carne massapé e honesta, do teu ventre de Mãe, fecundo e são, veio a alma que realizou a nacionalidade, imprimindo-lhe o sentido da Independencia e os rumos catolicos da Civilização. De ti proveio o homem que defrontou a natureza peito a peito e que a venceu e a dominou a facção e a fé!»)

E recorda, tambem, os versos à Bandeira Paulista, incinerada publicamente, ainda de Guilherme de Almeida...

(Bandeira da minha terra, bandeira das treze listras: são treze lanças de guerra cercando o chão dos Paulistas!)

(Bandeira que é o nosso espelho! Bandeira que é a nossa pista! Que traz, no topo vermelho, o coração do Paulista!)

E recorda, ainda mais, a figura altiva do general Julio Marcondes Salgado, que tão bem simbolizou, com o sacrificio da propria vida, as tradições civicas da gloriosa Força Publica de São Paulo; e recorda os quatro heróis moços mortos na praça da Republica e que hoje formam as iniciais que luzem na Historia Paulista: M. M. D. C.; e recorda Fernão Sales, aquele que primeiro tombou pela dignificação da Democracia; e recorda Isidoro Dias Lopes; e Pedro Dias de Campos; e Bertoldo Klingner; e alem de tantos outros, recorda aquele velho altaneiro e impavido, que se chamou Pedro de Toledo e que tão bem soube reviver as tradições do-povo livre a que pertencia!

E recorda, por fim, Paulo Virgilio, aquele caboclo indomito, paulista de rija fibra, que se transformou em simbolo maximo da valentia, da nobreza absoluta, da velha coragem bandeirante e da verdadeira dignidade humana, repetindo, por três vezes seguidas, a mesma negativa — «não!» — e isso de peito aberto às balas assassinas, quando o intimaram, a orla escura da mata, a dizer, sob palavra de honra, onde se localizavam as forças que lutavam pelo retorno da Constituição Brasileira... E porque não se tornou de-lator, foi ali fuzilado, depois de ter aberto, a enchadadas, a sua propria sepultura...

Nove de Julho de 1932...

Nove de Julho... Pois é hoje a 9 de Julho uma das mais belas avenidas de São Paulo, estando sempre a lembrar, ainda, a marcha firme, reta e imponente do glorioso soldado paulista...

Marcha soldado Paulista, marca o teu passo na Historia! Deixa na terra uma pista, deixa um rastilho de gloria!